

EXPOSIÇÃO

CRÍTICAS E PARECERES CENSÓRIOS

EM DOCUMENTOS DA BIBLIOTECA DA ESTC

5 MAR A 12 ABR

ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA
SEGUNDA A SEXTA . 9H-19H

ESPAÇO ALMEIDA GARRETT

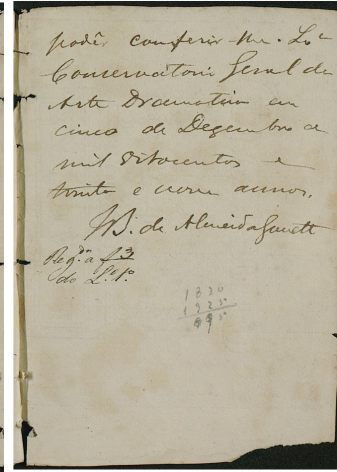
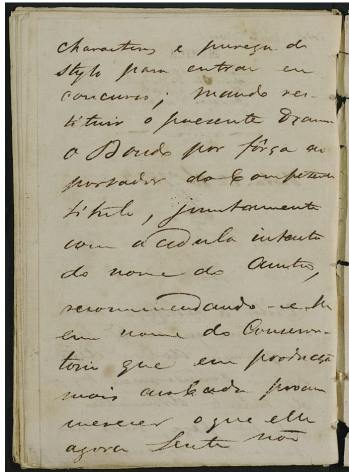
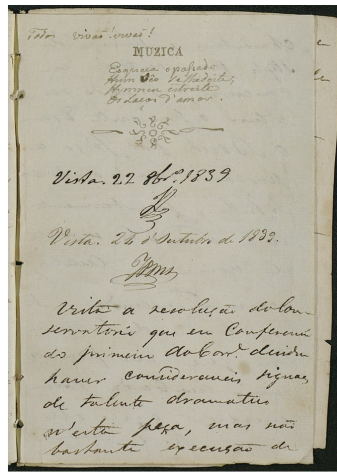
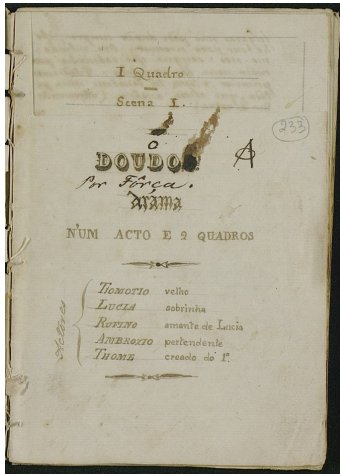
Curadoria: Luísa Marques

Coordenação do Espaço: Conselho da Biblioteca

Março 2024

SOBRE A EXPOSIÇÃO

A exposição dá a conhecer algumas das peças de teatro do século XIX e XX, que fazem parte do acervo da Biblioteca, e que foram sujeitas a críticas e pareceres censórios na época em que foram escritas.



Parecer: "Vista, 22 Outubro 1839. [ilegível]".

Parecer: "Vista, 24 de Outubro de 1839. [ilegível]".

Parecer: "Vista a resolução do Conservatório que em conferência do primeiro da comissão decide haver consideraveis signaes de talento dramático n'esta peça, mas não bastante execução de caracteres e pureza de stylo para entrar em concurso; mando restituir o presente Drama O Doudo por força ao prosador dando competente titulo, juntamente com a adenda intento do nome do [ilegível] recommendando-lhe em nome do Conservatório que em producção mais acabada procure merecer o que elle agora tenta não poder conferir-lhe. Lisboa, Conservatório Geral de Arte Dramática em cinco de Dezembro de mil oitocentos e trinta e nove annos. J. B. de Almeida Garrett. [assinatura] Registada a f 3 do L.º 1.º"

<https://estc.biblio.ipl.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=27381>

(53)

O Chichisbeo, em
Os Costumes Italianos,
farça em 1 acto, traducção de francez
pelo Sr. G. S. Ferreira
1839.
Theatro Da Rua Dos Condes.
Pertence ao Sr. Emile Doux.

Ai prohibida, e avocada esta copia onde
estava a licença.

Vista a informaçãe de
Lisboa 12 de Abril de 1839
Lisboa 13 de Abril de 1839
Lisboa 15 de Abril de 1839

Li a farça intitulada = O Chichisbeo = e n'ella não
encontrei, coisa que offenda a Religião, Moral ou Politica: a traducção é
feita no portuguez corrente. Julgo que pode representar-se no Theatro
Normal. Lisboa 13 d'Abril de 1839. Duarte Cardoso de Sá [assinatura]

Vista a informaçãe do censor, pode-se representar.
Lisboa 15 de Abril de 1839. Pelo senhor inspector, o secretario
Felner [assinatura]

Meu caro senhor Felner, acho que não póde
deixar de se cassar esta licença [assinatura ilegível].
Parecer censório na 1ª página: "Foi prohibida e avocada esta copia onde
estava a licença"

Do repertório do Theatro das Rua dos Condes.

Contém informação: "Pertence ao Sr. Emile Doux".

Parecer censório: "Ao senhor Duarte Cardoso de Sá. Lisboa 12 de Abril de 1939. Felner" [assinatura]

Parecer censório: "Li a farça intitulada = O chichisbeo = e n'ella não encontrei, coisa que offenda a Religião, Moral ou Politica: a traducção é feita no portuguez corrente. Julgo que pode representar-se no Theatro Normal. Lisboa 13 d'Abril de 1839. Duarte Cardoso de Sá" [assinatura]

Parecer censório: "Vista a informaçãe do censor, pode-se representar. Lisboa 15 de Abril de 1839. Pelo senhor inspector, o secretario Felner" [assinatura]

Contém informação a lápis: "Meu caro senhor Felner, acho que não póde deixar de se cassar esta licença [assinatura ilegível]".

Parecer censório na 1ª página: "Foi prohibida e avocada esta copia onde estava a licença"

<https://estc.biblio.ipl.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=27340>

TRANSCRIÇÃO DO PARECER

O mais ridículo pedante toma hoje a vara de censor como o novo Midas, condena o canto do rouxinol por muito rareado nos sons, e aplaude o zurro do burro, que orneia com uniformidade¹ mas quem toma esta vara só por obrigação, e nunca por devoção; - só para cumprir um dever a que mal pode subtrair-se, ainda quando a sua censura pareça vigorosa, merece não ser tratado com inteira despidade, e dele se não deve dizer = Mas há ainda a meu ver por canalha,

Que sem nada compor, descompõem tudo².

Nunca foi minha intenção tirar a capa dos ombros de alguém, nem de julgar ser daqueles, que não podendo fazer seu o alheio, se contentam, que fique mescabado, e de má condição para seu dono: - tomara eu viver a bater as palmas: - era sinal, que tudo no mundo corria bem; - pelo menos a meu gosto.

Nem o autor do Padre Veríssimo, poderá dizer, que sou oficial do mesmo ofício, e que por vil e baixa inveja lhe não dou gabos e aplausos - nunca me lembrei de compor nem um provérbio para o fazer representar em inocente reunião de famílias, porque sei, que nem todos nascemos para ser poetas dramáticos, e que não basta os preceitos de Quintiliano para ser Cícero ou Demóstenes. Os talentos dirigem-se, mas não se torcem, e quem só à força de estudo, e de meditações sobre tais autores, quiser ser poeta dramático, produzirá diálogos mais ou menos interessantes; muito bons para serem lidos em chuvosa e fria noite de inverno, mas muito maus para serem levados ao teatro, onde a vida, a animação, a rapidez das cenas, a energia, são condições essenciais; - onde enfim todas as composições morrem, se a inspiração poética os não proteger como Anjo da Guarda, se os não acompanhar como patrono defensor.

Não pensou assim o autor do Padre Veríssimo, leu o texto *Qui petit accipit, qui quarit invenit et pulsanti aperietur*, e tomando ao pé da letra, ficou entendendo, que querer é sempre sinónimo de poder. *Le desir est le père de la puissance* diz Chateaubriand, e diz bem, mas nem sempre o pai tem filho que o honre, e há gerações que nem vingam! O drama que analiso parece-me ser uma destas produções que veem a luz para logo morrerem; - que quasi não passam de embrião. É um drama enquanto à forma, mas não tem mais vida, mais animação, que os diálogos de Luciano Samosatense, e a meu ver a narração, que Platão nos deixou da morte de Sócrates, tem mais interesse dramático, porque a marcha dos pensamentos é animada a curiosidade excitada; e a rapidez e energia do diálogo faz que a atenção não durma, se assim o posso dizer: e a rapidez e energia do diálogo faz com que atenção não durma, se assim o posso dizer: - mas haverá quem diga, que o s diálogos de Platão podem ser levados ao teatro? De certo não: - pois o Padre Veríssimo, também não há de despertar a atenção dos espetadores; - excitar interesse; - arrancar um só ai, um só suspiro, uma só lágrima; - mover uma só paixão; - não há de satisfazer um único desejo de nossa imaginação: - não é um drama: - tem defeito de organização; não tem cura, ou se a tem não sou eu o Médico capaz de lha dar; - desengano-o, - que há de morrer, e tenho pena de dar tal desengano, porque ninguém gosta, que a doente lhe morra nas mãos.

1 Francisco Manuel.

2 Semedo.

A Secção de Literatura, que me fez a mal merecida honra, de me encarregar de dar um parecer sobre este drama, há de lê-lo antes de julgar, e só depois desta leitura poderá dizer se ele tem alguma poesia, ou se como eu afirmo - sua existência é mais que prosaica: - de antemão já respeito o seu juízo.

Aquí ficaria eu, se o Senhor Secretário da Secção de Literatura me não lembrasse no seu officio que é do meu dever dar uma descrição do enredo da peça ato por ato; mas antes que ao responder duas palavras no prólogo do drama.

Concordo com o Autor, que não é de bom gosto levar ao tabelado de um teatro Hienas e Lobos cervais: são animais que no teatro só se devem tolerar nos Mártires de Donizete ao pé do Leão; mas não julgo que os nossos camponeses, pensem, que são amaldiçoados do céu, por não serem seus usos e costumes repetidas vezes no tabelado da Rua dos Condes; - nem por tal motivo os filhos e mulheres destes são tidos em conta de filhos híbridos de monstros. A poesia dramática é a mais social de todas, e é por isso que ela deixa as tranquilas inspirações da solidão à poesia lírica para se engolfar e inspirar-se no pélagos das paixões: - procura as cidades com preferência, porque só aí poderá conhecer bem os segredos do coração humano; - o seu tom incerto, diferente, e variado palpitar! As pretensões do poeta dramático vão mais longe, que as do poeta lírico. Nos campos será fácil compor Idílios e Bucólicas, mas compor um drama não vendo senão campo e gente do campo! é muito difícil: - foi uma ilusão do autor o julgar de fácil execução tal intento.

O enredo é o seguinte.

Ato 1.º

Em 5 de abril 1723 eram 8 horas da manhã, quando uma rapariga viu à porta de uns lavradores de São Mamede de Medail pedir uma esmola, entoando o Padre Nosso segundo o santo e louvável uso das nossas provincias, principalmente da provincia da Beira: - pedia a infeliz para seu velho avô, que andava tão doente, que o julgava quase a ponto de se passar. Estes lavradores tinham um filho, que devia casar com uma pobre aldeã sua vizinha, e este casamento era feito por intervenção do Cura da Freguesia, homem de um estilo de vida santo evangélico; mas um Padre da mesma freguesia, que esquecido da sua alta missão, só sabia lamentar-se, pela muita saúde dos ricos, que o privavam da boa esmola pelo enterro e que passava a vida a caçar, e a gozar de todos os bens mundanos, desejava que o projetado casamento se não realizasse, e intrigava para este fim. Não era sem razão, que a pobrezinha, receava que o avô lhe morresse, porque em breve acabavam para ele as penas e glórias do mundo. - o cura vai buscá-lo para o enterrar, e tenciona tomar para sua casa a infeliz e desvalida netinha.

Ato 2.º

Vinte e oito dias depois do enterro do velho, porque era o dia três de maio às sete horas da manhã, o cura sempre solícito em cumprir os seus deveres, cantava com o povo as ladainhas de maio, e explicava-lhe a história desta devoção. - A noiva de Domingos, que era este o nome do filho dos lavradores, de que falámos no primeiro ato, começava a andar doente: - tinha o demónio no corpo, o que causava grave transtorno ao casamento, e o noivo já pouco o desejava, porque começava a ter sua opinião da noiva, e a temer-se de amores pela pobrezinha -, que o cura tinha recebido em casa: - como o demónio ia fazendo das suas no corpo da pobre da doente, era necessário recorrer aos esconjuros do cura, que por não ser fanático e falso religioso lá cede aos pedidos, que para isso lhe fazem por não desconsolar a mãe da doente que lhe pede socorro.

Ato 3.º

Não sei o que se passou até ao dia de S. João, mas nesse dia o povo e raparigas do sítio dançavam e cantavam em torno das fogueiras em honra do Santo: - e apesar de ser passado mais de um mês, o demónio ainda não tinha saído do corpo da doente, e não sairia tão cedo se a mãe sentindo uma noite a sua falta a não viesse encontrar com o Padre folgazão (Padre Veríssimo) e não descobrisse que com ele a filha tinha amores havia tempos, e que estava de esperanças. O povo conhecendo isto quer matar o Padre, mas ele ameaça-os com a excomunhão e foge, e o noivo da endemoninhada depressa se consola, porque pode realizar facilmente o seu desejado casamento com a pobrezinha - do Padre cura, e disse se vai tratar, e felizmente acaba o insípido entremez a que se deu o nome de Drama.

Vistos os Autos sou de opinião, que o Conservatório não pode premiar o drama, porque é Conservatório! Mas talvez esta opinião deva ser reformada: - submeto-a outras melhores. A linguagem pareceu-me boa, e o autor mostra conhecer usos e costumes da nossa terra.

Lisboa 30 de março de 1843
João Palha de Farinha Lacerda

A Secção de Literatura adota o parecer supra. Sala da Secção em 20 de junho 1843

O secretário
António Joaquim da Silva Abranches

Aprovado Secção do Conselho Geral de 20 de junho de 1843

O secretário
F. A. D'A. P. Corrêa de Lacerda

Está conforme.

Secretaria do Conservatório Real de Lisboa em 3 de janeiro de 1844

F. A. D'A. P. Corrêa de Lacerda

TRANSCRIÇÃO DO PARECER

Li esta Peça que se intitula = Salomão =. A linguagem é de todo em todo despida de elegância e de beleza, e não só isto, mas muito ao revés do génio e da sintaxe da nossa língua. Há erros de ortografia e de gramática, como são a exemplo folha 2 e folha 26 - Suprestição - por - Superstição -; A folha 5 por exemplo - O céu é quem hoje nos restitui a vossa presença - por - O céu é que etc.; A folha 12 - As virtudes e o nome de Benjamim era outrora só conhecido - por - eram outrora só etc. -; folha 16 - Um /Himeneu de quem teme Salomão - por - de que teme etc. -; a folha 24 - As molas principais da ciência governativa é premiar etc. - por - As molas são; -; - Vós ouvistes - por - Vós ouvistes - etc. etc.

A locução é toda Francesa; mas pelo discurso da Obra recrescem muitos galicismos, dos quais, para me salvar da nota de arbitrário, bem é que cite para exemplo alguns, como a folha n.º 15, e 18. Iniciados aos mistérios; a folha 2 - Aprendei um crime sem exemplo -; folha 5 - Tão ternas lembranças também hoje podereis dizer a Hiram; folha 9 - fim -. Faz hoje doze anos que eu fiz um assassinio -; a folha 12 - Debalde os Reis se repousam em direitos -; folha 24 -fim -. Poder Judiciário etc. etc.

O Autor muito raramente omite por elipse os pronomes = eu, ele, ela, vós = conforme demandam o génio e a elegância da nossa língua, sendo certo que de virem esses pronomes sempre claros nas orações, sobre tornar-se carregado e fastidioso qualquer género de escritura, é também galicismo; veja-se por exemplo a fala de Phanor a folha 16.

Encontra-se muitas vezes nesta Peça o pronome = que = empregado como partícula no sentido optativo, ou de desejar alguma coisa, e é como diz por exemplo Adónias folha 5: que hoje este dever se preencha, e que uma suspensão de armas se peça ao Rei de tiro.

É de grande uso na língua Francesa empregar deste modo o pronome = que = por exemplo não me parece própria da nossa, nem me lembra que o assim empreguem alguns de nossos melhores Clássicos que tenho lido, e entre eles Jacinto Freire, do qual faço mais particular menção, visto como para muitos sujeitos de grande tomo e abalizados em letras é tido na conta de afetado por haver na vida que escreveu de D. João de Castro ostentado um estilo tão cheio de novidade, e de flores, e de esmalte como se não vê em nenhum outro escritor daquela idade e por ventura impróprio de quem, como ele escrevia história.

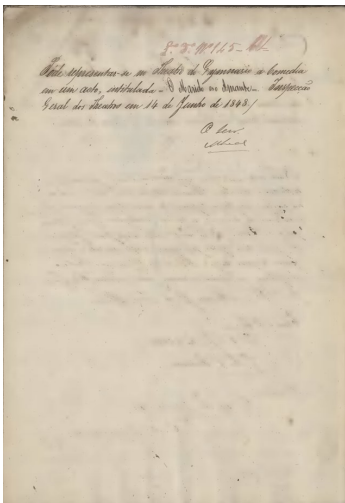
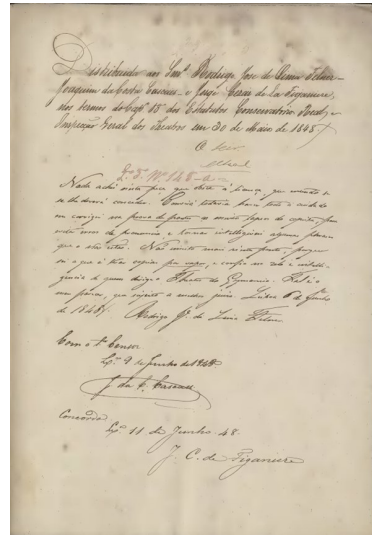
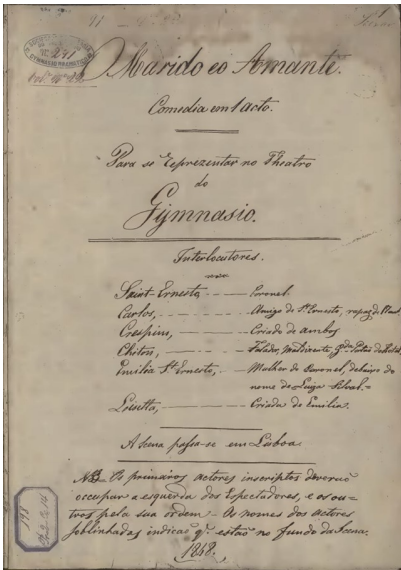
Torno-me ao trabalho de estendidamente referir um exemplo em todos os erros e imperfeições desta Peça, não só por exemplo - que fora coisa muito larga se as houvera de apontar todas, senão também por exemplo me parecer provável que não chegue ao Teatro, pelas falsidades que nela se leem; por exemplo que sendo assim que toda história se há de narrar fielmente, que se não dirá da História Sagrada? Foi o Autor buscar os nomes de Salomão, de Adónias, e de Nathan etc., mas a história que apresenta não é a que deles nos conta a Divina Escritura, aonde se não lê que - Adónias reinasse por doze anos em Jerusalém, que Salomão andasse errante e disfarçado com o nome de Benjamim, e que Nathan remittisse em nada o culto e a duração que rendera sempre ao Deus de David, para que o Autor ponha na boca daquele Profeta a palavra = Deuses =; que é isso levantar-lhe o testemunho. E sendo certo que muita gente há pouco lida nas Sagradas Escrituras, e outra que delas nenhuma notícia tem, fora enganá-los se com tais nomes apparecesse semelhante história, que a tomariam como a verdadeira de tais sujeitos.

É porém de notar mais que tendo o 3.º Ato cuja a linguagem, cujo assunto é

cópia do que se vê escrito nos diferentes papéis chamados periódicos, que de tempos a esta parte a nossa Imprensa todos os dias produz; e para que bem fiel fosse a cópia, não omitiu o Autor as ideias de divisão de Poderes do Estado, a responsabilidade dos Ministros, e a comparação do Exército com os Janízaros do Grão Turco etc.: já em tudo isto se falava no reinado de Salomão, mil antes de Cristo? A representação deste 3.º Ato é numa casa medonha, subterrânea e forrada de preto, e com emblemas que não sei o que significam. Levanto porém a pena que não devo escrever a minha alçada que é dizer só acerca do merecimento da linguagem desta Peça.
Lisboa 31 de julho 1844.
Ernesto Adolfo de Freitas

A Secção de Língua Portuguesa conforma-se inteiramente com o voto do seu sócio. Lisboa sala da Secção em 7 de agosto de 1844.
Almeida Garrett

Aprovado o parecer supra. Sala do Conselho Geral em 9 de agosto de 1844.
Frederico A. de A. P. Correa de Lacerda (secretário)



Do repertório da Sociedade Emprezararia do Theatro Gymnasio Dramatico nº 291, vol. nº 22. [carimbo].

Contém informação: "198 Pr. 2 - Cx. 14" [etiqueta].

Licença de representação encontra-se registada em L.º 3º nº 145 = a =. Licença de representação: "Para o Theatro do Gymnasio Dramatico".

Informação na última folha: "Distribuida aos Snrs. Rodrigo Jose de Lima Felner - Joaquim da Costa Cascaes - e Jorge Cezar de la Figanieri, nos termos do Cap.º 18 dos Estatutos.

Conservatorio Real e Inspeccão Geral dos Theatros em 30 de Maio de 1848. O secretario Mendes Leal". [assinatura]

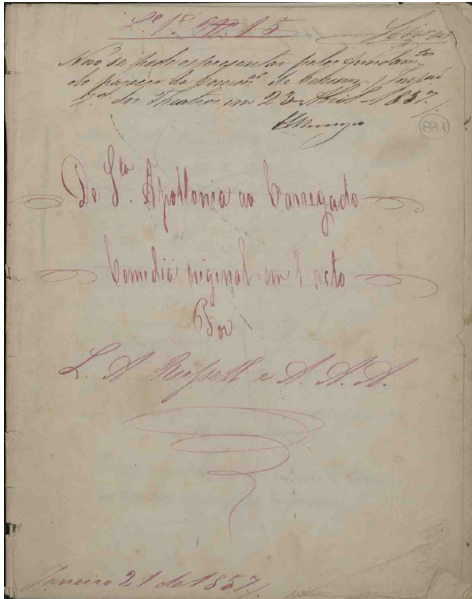
Parecer censório na última folha: "Nada achei nesta peça que obste à licença, que entendo 1.º se lhe deverá conceder. Convirá todavia haver todo o cuidado em corrigir na prova de

partes os muitos lapsos do copista, para evitar erros de pronuncia e tornar intellegiveis algumas phrases que o não estão. Não insisto mais neste ponto, porque sei o que é tirar cópias por vapor e confio no zelo e intelligencia de quem dirige o Theatro do Gymnasio. Tal é o meu parecer, que sujeito a melhor juris. Lisboa 6 de Junho de 1848. Joaquim Jose de Lima Felner".

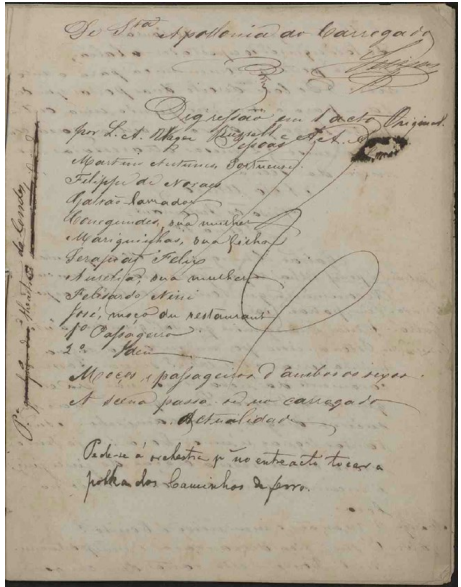
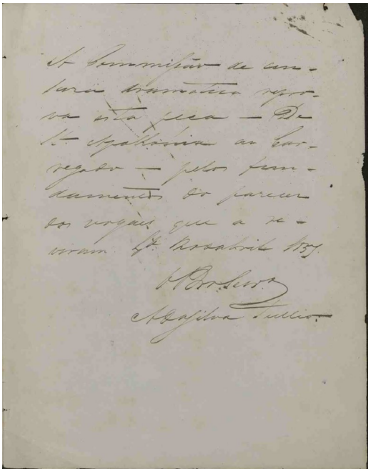
[assinatura]. Parecer censório na última folha: "Com o 1.º censor. Lx. 9 de Junho de 1848. Joaquim da Costa Cascaes". [assinatura].

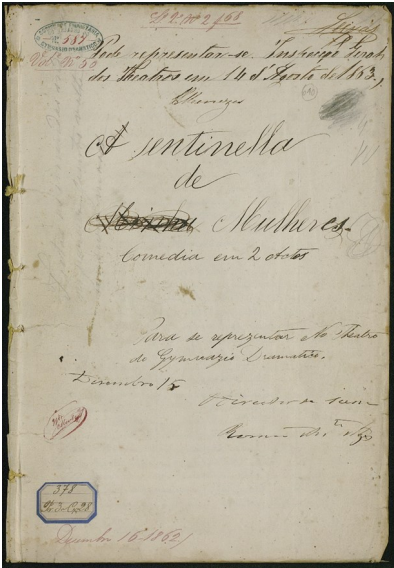
Parecer na última folha: "Concordo. Lx. 11 de Junho 1848. Jorge Cezar de Figanieri" [assinatura].

<https://estc.biblio.ipl.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=26422>



Licença de representação registada em: L.º 1, n.º 15; Janeiro 21 de 1857. Parecer censório: "Não se pode representar pelos fundamentos do parecer da Comissão de Censura. Inspeção Geral dos Theatros em 23 de Abril de 1857. C. Menezes" [assinatura] Parecer censório na última página: "A Comissão de censura dramática reprova esta peça - De Sta Apollonia ao Carregado - pelos [ilegível] do parecer dos vogaes que a reviram. Lxª nove Abril 1857. António da Silva Tullio" [assinatura]





Do repertório da Sociedade Emprezaaria do Theatro Gymnasio Dramatico, nº 587, vol. nº 50. [carimbo]

Licença de representação encontra-se registada em Lº 2 nº 2 nº 68. Dezembro 16 -1862

Licença de representação: "Para se representar no Theatro do Gymnasio Dramatico. Dezembro 15. O Director de Scena Romão Antonio Martins".

[assinatura]

Parecer: "Pode representar-se. Inspeção Geral dos Theatros em 14 d'Agosto de 1863. Carlos da Cunha e Menezes".

[assinatura]

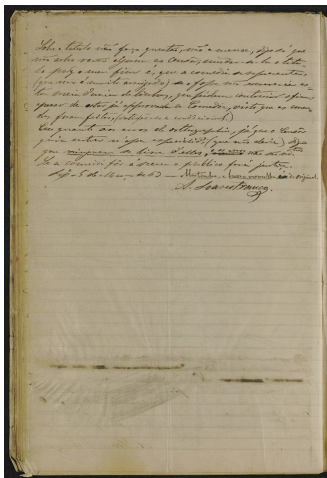
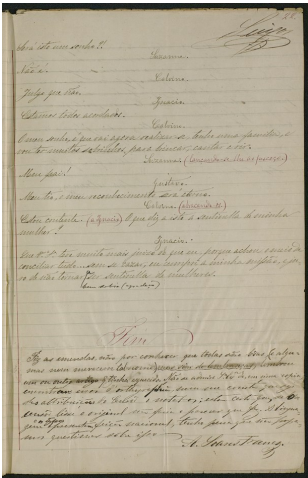
Contém informação: "378 Pr. 3 - Cx.

28" [etiqueta]

Contém nota do autor: "Fiz as emendas, não por conhecer que todas são boas, (e algumas nem merecem tal nome) mas sim de lembranças, lembrou um ao outro artigo que tinha esquecido. Não se

admire Vª Exª de, em uma copia, encontrar erros d'orthographia, nem me consta que seja das atribuições do Cênsor anotá-los; estou certo que, se o censôr lêsse o original não faria o parecer que fez. A linguagem e os [ilegível] apresentam feição nacional, tenho pena que não possamos questionar sobre isso. A. Soares Franco" [assinatura]

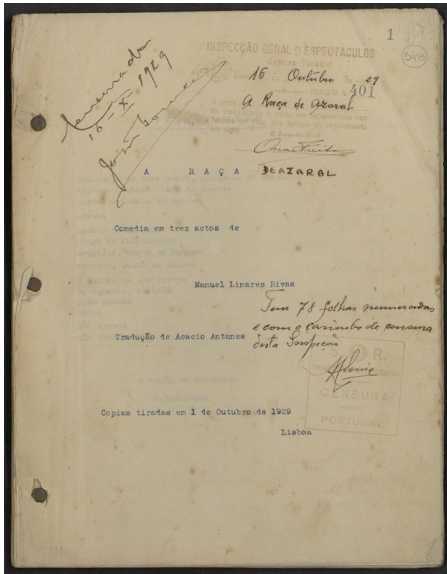
Outra nota do autor:



"Sobre o titulo não faço questão, não a merece, digo só que não acho razão alguma ao Cênsor; mudar-se-ha o titulo porque o meu fim é, que a comedia se representa (que não é muito arranjado) se o fosse não escrevia esta meia duzia de linhas, que pôdem contrariar o fim, apesar de estar já approvada a Comedia, visto que as emendas foram feitas, (satisfez-se a condicional). Em quanto aos erros de orthographia, já que o Cênsor queria entrar nessa especialidade (que não devia) digo que ninguem se livra d'elles, e os erros não são muitos. Se a comedia fôr à scena o publico fará justiça. Lisboa 5 de Março de 1863 - Martinho e burro vermelho do original. A. Soares Franco".

[assinatura]

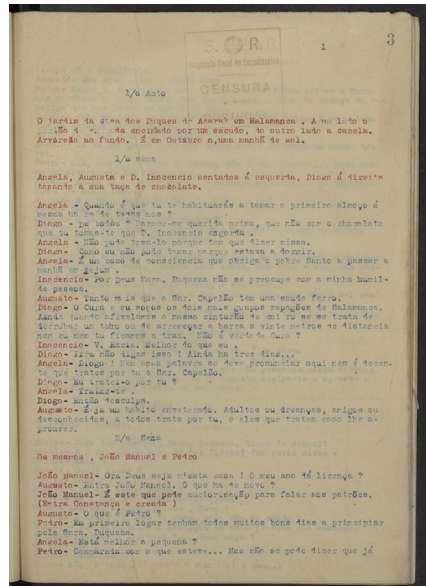
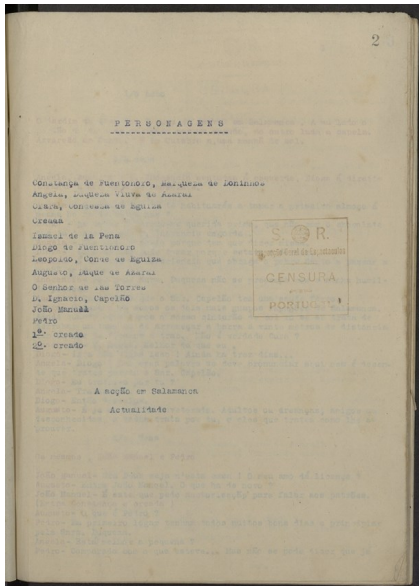
<https://estc.biblio.ipl.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=26927>



Contém carimbo da Inspeção Geral de Espectáculos, censura theatral, em 16 de Outubro de 1929, registro nº 401: "A peça A raça de azaral foi censurada e pode ser representada nos teatros do Paiz, nos termos do regulamento em vigor." O Inspector Geral Oscar de Freitas. [assinatura] Contém informação: "tem 78 folhas numeradas e com o carimbo de censura desta Inspeção" [assinatura ilegível].

Contém informação: "copias tiradas em 1 de Outubro de 1929"

Contém informação: "Censurada 16-X-1929, João (?)"



<https://estc.biblio.ipl.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=62391>

DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA | DAS 9H ÀS 19H

BIBLIOTECA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA
DO POLITÉCNICO DE LISBOA
Av. Marquês de Pombal, 22 B | 2700-
571 Amadora
Tel. 21 498 94 00 | www.estc.ipl.pt